Antonio Bento e o curso de Artes Gráficas da FGV: uma polêmica

Daniela Pinheiro Machado Kern[1]
DOI 10.20396/eha.vi14.3396

Ao longo do ano de 1946 teve lugar, no Rio de Janeiro, o curso de Desenho de Propaganda e de Artes Gráficas idealizado por Tomás Santa Rosa e promovido pela Fundação Getúlio Vargas, com a participação de professores como Carlos Oswald, Axl Leskoschek e Hanna Levy, responsável pela formação de toda uma geração de artistas brasileiros, entre os quais podemos mencionar Almir Mavignier, Danúbio Gonçalves, Décio Vieira, Fayga Ostrower, Misabel Pedrosa e Renina Katz. A criação do curso fora bem recebida pela imprensa, a exemplo da matéria que encontramos no jornal *A manhã*, de 24 de março de 1946:

> Teve a melhor repercussão em nossos círculos culturais e educacionais a iniciativa da Fundação Getúlio Vargas, que acaba de criar o Curso de Desenho de Propaganda e Artes Gráficas.
> O alcance dessa iniciativa é dos mais altos e não se circunscreve apenas a um determinado círculo, tendo uma repercussão geral, pela amplitude de seu programa – que inclui matérias como História da Arte e das Artes Gráficas e Litografia – mas pelas suas possibilidades de aplicação objetiva dos ensinamentos.[2]

O curso abrangia Desenho aplicado às artes gráficas; História da Arte e das Artes Gráficas; Técnica de publicidade; Xilogravura; Água Forte e Litografia. Fayga Ostrower relata como foi ter aulas no curso, em entrevista concedida em 1980. Em 1946 chamou sua atenção no jornal o anúncio do curso na FGV, e decidiu fazer esse curso em tempo integral. Fayga relembra o perfil boêmio de Santa Rosa, e como isso resultava em algumas aulas não dadas:

> O curso tinha sido organizado – ou desorganizado pelo Santa Rosa. O Santa Rosa era um amor de pessoa, mas um dos artistas mais boêmios que já conheci – ele marcava uma aula e não aparecia. Os alunos ficavam simplesmente esperando, enquanto ele estava pensando em outras coisas – porque tinha milhões de compromissos ao mesmo tempo... mas tinha uma cultura, uma sensibilidade extraordinárias."[3]

As condições materiais do curso também não eram as ideiais, como se depreende desse ou-

---

1 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutora em Letras (PUCRS).
2 Fala o pintor Santa Rosa sobre o curso de Artes Gráficas. *A Manhã*, Rio de Janeiro, Domingo, 24.03.1946, p. 3.
3 BECARI, Vera Horta. Fayga Ostrower. *O Estado de São Paulo*, Ano 1, n. 19, São Paulo, 19.10.1980, p. 9.

tro trecho da entrevista concedida por Fayga:

> O que realmente era importante é que das 9 da manhã às 5 da tarde havia todo o material necessário para você trabalhar, e durante seis meses eu trabalhei de manhã à noite. Não importa, na realidade, quanto eu aprendi em termos práticos, porque penso que, de técnica instrumental e xilogravura, o que aprendi foram os elementos rudimentares, uma técnica indispensável, mas sem grandes refinamentos – pois não havia equipamentos, a prensa era muito simples [...].[4]

Ainda assim, o curso proporcionou uma base sólida de conhecimentos sobre artes gráficas para os que o frequentaram, e repercutiu muito bem junto à classe artística. Nada disso bastou para impedir o seu fechamento, logo após o primeiro oferecimento. Pesquisadoras como Maria Luisa Tavora e Carla Fernanda Fontana investigaram esse fechamento, e encontraram motivações diversas para ele. Segundo Maria Luisa Tavora,

> As esperanças de aprofundamento dessa bem sucedida experiência foram enterradas pelo presidente da Fundação Getúlio Vargas O Sr. Simões Lopes, decidiu substituí-lo por outro curso de desenho industrial, mais voltado para o desenho técnico que, a seu ver, apresentava mais praticidade para a indústria. A retirada do apoio institucional traduziu-se no esvaziamento da proposta modernizadora dos mestres. Tal decisão, apoiada em argumento questionável, provocou reação e polêmica no meio artístico e intelectual da cidade.[5]

A principal causa para o encerramento seria assim a necessidade de criar um curso de desenho industrial, atendendo a indústria. Já Carla Fernanda Fontana levanta ainda outras justificativas:

> A decisão da FGV de descontinuar o curso de artes gráficas teria sido motivada pelo seu caráter artístico, em desacordo com a finalidade da Fundação, que seria a de promover o "ensino administrativo e das ciências sociais". Oscar Mello Flores, diretor executivo da FGV, justifica o fechamento afirmando que o curso "não era bastante popular", que o horário diurno impossibilitava a frequência de alunos que trabalhavam e que, "de qualquer maneira, a porcentagem de alunos que se destacaram não fora suficiente"[6]

O caráter artístico do curso, uma questão já implícita no levantamento feito por Maria Lui-

4 BECARI, Vera Horta. Fayga Ostrower. *O Estado de São Paulo*, Ano 1, n. 19, São Paulo, 19.10.1980, p. 9.

5 TAVORA, Maria Luisa Luz. Experiência moderna: gravura no Curso de Desenho de Propaganda e de Artes Gráficas – Fundação Getúlio Vargas 1946. Anais do 21. Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas [Recurso eletrônico] / Sheila Cabo Geraldo, Luiz Cláudio da Costa (organizadores). – Rio de Janeiro: ANPAP, 2012.p. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio9/maria_luisa_tavora.pdf Acesso em 11 nov. 2019.

6 FONTANA, Carla Fernanda O Curso de Desenho de Propaganda e de Artes Gráficas da FGV e o Ensino da Gravura como Arte Aplicada – Rio de Janeiro, 1946. Anais do 13º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, Univille, Joinville (SC). Disponível em: https://www.academia.edu/38530459/O_Curso_de_Desenho_de_Propaganda_e_de_Artes_Gr%C3%A1ficas_da_FGV_e_o_Ensino_da_Gravura_como_Arte_Aplicada_Rio_de_Janeiro_1946?auto=download. Acesso em 10 out. 2019.

sa Tavora, também aqui se mostra como problema. Impopularidade, horário e poucos alunos de destaque seriam as outras causas para o fechamento. A notícia do encerramento do curso de fato não seria bem recebida pela classe artística, e suas justificativas seriam questionadas. José Lins do Rego, Mario Pedrosa e Antonio Bento de Araújo Lima (1902-1988) estão entre os intelectuais que se manifestaram em jornais contra o encerramento do curso. Longe de reconstituir toda a polêmica de jornais que se sucedeu ao encerramento do Curso de Artes Gráficas da FGV, pretende-se aqui explorar em particular as contundentes manifestações de Antonio Bento sobre o assunto, por serem paradigmáticas do grau de contrariedade que a decisão da FGV despertou no meio artístico.

Em fevereiro de 1947 Antonio Bento visita a exposição de alunos na Praia de Botafogo e fica impressionado com o que encontra, obras de 22 alunos, e além disso já havia recebido boas recomendações da exposição. Em sua coluna detalha o funcionamento do curso, que iniciou em maio de 1946 e foi até novembro do mesmo ano, contando com mais de 22 alunos, uma vez que nem todos participaram da exposição. Os resultados do curso, para Antonio Bento, são impressionantes: "Em sete meses apenas, guardadas as devidas proporções, foi feito o que nunca se conseguiu realizar nos estabelecimentos oficiais do país. Só esse Curso é suficiente para justificar a existência da Fundação, cujas demais atividades são desconhecidas".[7] Antonio Bento elogia a pedagogia artística do curso, que demonstra a habilidade dos professores, capazes de propiciar liberdade aos alunos para que desenvolvessem, cada um a seu tempo, seu próprio estilo artístico: "Cada aluno podia fazer o que bem quisesse, limitando-se os professores a guia-lo no emprego da técnica adotada, no desenho como na gravura. Foi não só respeitada como cultivada a personalidade do aluno".[8] Antonio Bento contraria ainda um dos argumentos alegados pela FGV para o encerramento do curso, o de que não seria popular. Bento procura mostrar o quanto tal curso fora capaz de democratizar técnicas pouco conhecidas no Brasil, justamente ao popularizá-las:

> Por outro lado, o Curso da "Fundação Getúlio Vargas" veio democratizar no Rio o ensino das técnicas diversas da gravura. Só isso constitui uma revolução. Outrora, quem sabia fazer no Brasil agua-forte, xilogravura e agua-tinta podia ser considerado um verdadeiro bruxo. Os alunos desse Curso, após sete meses de ensino, já estão utilizando com desembaraço processos técnicos que eram antigamente o privilegio de meia duzia de artistas. Voltarei a tratar dessa exposição que, de certa forma, substituiu o defunto ou desaparecido Salão Nacional. [9]

7 BENTO, Antonio. O curso da "Fundação Getúlio Vargas". *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, Quinta-feira, 13.02.1947, p. 6.
8 BENTO, Antonio. O curso da "Fundação Getúlio Vargas". *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, Quinta-feira, 13.02.1947, p. 6.
9 BENTO, Antonio. O curso da "Fundação Getúlio Vargas". *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, Quinta-feira, 13.02.1947, p. 6.

A coluna sobre o curso até aqui comentada é veiculada em 13 de fevereiro. Nesse mesmo dia os jornais dão conta de que a FGV pretende encerrar o curso de Artes Gráficas. Antonio Bento, então, trata desse fato novo na coluna do dia seguinte. Antes de mais nada, apresenta as motivações alegadas pela FGV para o fechamento do curso: "Três motivos poderiam determinar essa decisão radical dos dirigentes da Fundação. O primeiro seria a inutilidade do Curso. O segundo seria o seu fracasso. Finalmente, o terceiro recurso seria a falta de recursos financeiros".[10] É depois dessa apresentação que passa a rebater, uma a uma, tais justificativas. Quanto ao alegado fato de o curso ser "inútil", para ele o Rio de Janeiro carece de ensino de arte de qualidade. O ensino da Escola de Belas Artes seria deficiente, enquanto o Curso da FGV "permitiu a possibilidade da existência de um 'atelier' livre, para o ensino de artes plásticas no Rio. Desse 'atelier' poderão sair artesãos verdadeiros e uma geração de gravadores como não se conhece outra no Brasil, graças a Santa Rosa e aos professores Carlos Oswald e Leskoschek".[11] O segundo argumento, o do fracasso do curso, não teria cabimento porque o nível dos trabalhos da exposição dos alunos atesta, pelo contrário, o seu sucesso. A alegação final de falta de recursos da FGV, de acordo com Antonio Bento, tampouco se sustentaria:

> Não creio que seja esse o motivo determinante da decisão injusta dos donos da Fundação, que é rica, segundo me informou ontem um dos alunos. Já se vê, portanto, que o fechamento do Curso é uma atitude – senão precipitada, pelo menos anti-social e errada. Desde que disponha de recursos, a Fundação deve não só manter esse curso como ampliá-lo, tendo em vista o seu programa de atividades culturais.[12]

Aqui Antonio Bento repete proposta que já havia feito no artigo anterior, a de que o curso de Artes Gráficas da FGV deveria ser ampliado. No terceiro artigo dessa série, publicado em 16 de fevereiro, Antonio Bento deixa claro que é capaz de ver a longo prazo os benefícios que pode trazer ao país um curso como o da FGV:

> Não exagero reafirmando que esse Curso constitui uma revelação. Sabe-se que a gravura contemporânea não goza de boa fama artística. Atribui-se o fato à influência da pintura impressionista, cujos objetivos plásticos são antagônicos ou opostos à arte do gravador, que exige de tudo precisão gráfica. Santa Rosa submeteu seus alunos a um rigoroso aprendizado. Todos são obrigados a desenhar rapidamente, para exercitar a mão. [...]. Está assim sendo formada uma geração de gravadores que muito poderá fazer em benefício do desenvolvimento das artes gráficas no país.[13]

10 BENTO, Antonio. Desaparecerá o curso da F.G.V.? *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, Sexta-feira, 14.02.1947, p. 6.
11 BENTO, Antonio. Desaparecerá o curso da F.G.V.? *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, Sexta-feira, 14.02.1947, p. 6.
12 BENTO, Antonio. Desaparecerá o curso da F.G.V.? *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, Sexta-feira, 14.02.1947, p. 6.
13 BENTO, Antonio. Uma geração de gravadores. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, Domingo, 16.02.1947, p. 4.

O posicionamento de Antonio Bento reflete o posicionamento sobre o assunto que seria assumido pelo próprio jornal em que publicava suas colunas, o *Diário Carioca*. No dia 28 de fevereiro o *Diário Carioca* publica matéria fortemente crítica à FGV e a seu diretor, Luís Simões Lopes. A matéria relata que alunos do Curso de Artes Gráficas da FGV visitaram a sede do jornal em busca de apoio, solicitando que o jornal se manifestasse junto à FGV contra o fechamento do curso. O que se segue na matéria é uma série de críticas *ad hominem* à figura de Luís Simões Lopes:

> O presidente do organismo é o sr. Luiz Simões Lopes, uma das figuras mais odiadas do "curto período" de mando discricionário do sr. Getúlio Vargas. O sr. Simões Lopes, em seu longo consulado à frende do DASP, especializou-se em contrariar sistematicamente as pretensões justas e legítimas do funcionalismo. E, nessas funções, o ministro em pasta da ditadura fez mal a muita gente, tornando-se para o pobre e mal remunerado servidor público do Brasil uma espécie de Torquemada. Enquanto ganhava rios de dinheiro, em varias comissões, com os proventos fartos de um rico cartório de contrapeso, o funcionário humilde nada obtinha do DASP.[14]

A crítica a Simões Lopes se estende à sua gestão como um todo na FGV: "Será que o Sr. Simões Lopes está administrando a Fundação, que tomou infelizmente o nome de seu amado ex-ditador, com os maus bofes e a estreiteza de vistas e de ideias que caracterizaram a sua gestão daspiana?"[15] De novo a alegada falta de recursos da FGV entra em pauta, como lemos a seguir:

> O seu ato, fechando o Curso de Desenho e Artes Gráficas, é perfeitamente ditatorial. Prejudica a uma turma de estudantes que muito lucrou com as aulas do ano passado. O mais grave é que a Fundação Getulio Vargas, mantém os seus cursos e pesquisas científicas com os seus recursos próprios e, também com a verba que lhe é fornecida por conta da verba arrecadada com o selo de Educação.[16]

O pedido dos estudantes foi parcialmente atendido: o jornal intercede por eles, mas junto ao Ministério da Educação, e não da FGV, que, como vimos, foi duramente criticada.

Antonio Bento retoma o caso do Curso de Artes Gráficas da FGV em 1 de março de 1947. Menciona no artigo que publica nessa data a série de artigos que José Lins do Rego tem dedicado ao caso nas páginas de O Globo. Aproveita para atacar diretamente Simões Lopes, em termos pouco corteses: "Definitivamente, o antigo presidente do DASP não tem inteligência nem possui cultura

14 Deve intervir na Fundação Getúlio Vargas o Ministro da Educação? *Diário Carioca*, Ano XX, n. 5727, Rio de Janeiro, Sexta-feira, 28.02.1947, p. 1.
15 Deve intervir na Fundação Getúlio Vargas o Ministro da Educação? *Diário Carioca*, Ano XX, n. 5727, Rio de Janeiro, Sexta-feira, 28.02.1947, p. 1.
16 Deve intervir na Fundação Getúlio Vargas o Ministro da Educação? *Diário Carioca*, Ano XX, n. 5727, Rio de Janeiro, Sexta-feira, 28.02.1947, p. 1.

necessária para dirigir uma Fundação. É, nesse domínio, um verdadeiro macaco em loja de louça".[17] As acusações contra a pessoa de Simões Lopes continuam no restante do artigo:

> Por isso resolveu fechar discricionariamente um curso que se iniciou de forma tão promissora para os alunos bem como para o desenvolvimento do próprio ensino das artes Graficas no Rio. Será inútil esperar que haja um estouro providencial na cabeça do sr. Luiz Simões Lopes, como aquele que iluminou a Inteligência primitivamente apagada do padre Antonio Vieira. Mas, se o talento não lhe permite compreender e tratar com discernimento das questões de arte ou de ciência, o sr. Simões Lopes deixe ao menos abrandar o seu duro coração de inquisidor, estampado tão vivamente em sua mascara de aparência ascética.[18]

Antonio Bento novamente assume a mesma posição do Diário Carioca ao reivindicar que a decisão de fechamento do curso seja revogada pelo diretor da FGV:

> Estimaria muito que o presidente da Fundação Getulio Vargas, contrariando a sua tradição à frente da DASP, reabrisse o curso, praticando agora uma boa ação. O céu está cheio de grandes pecadores arrependidos. É isso pelo menos o que dizem e provam os teólogos. Depois de velho, o diabo pode muito bem fazer-se ermitão. Não sendo possível um estalo salvador no crânio do sr. Luiz Simões Lopes, que ao menos amoleça por um momento o seu duro coração![19]

No último artigo que escreve sobre a polêmica do fim do curso da FGV, Antonio Bento elogia o diretor da A.B.I., Herbert Mosse, por receber a exposição artística dos alunos da FGV. Aproveita a oportunidade para traçar uma derradeira crítica forte ao diretor da FGV: o "sr. Luiz Simões Lopes, que, como o marechal Goering, tem medo da palavra cultura e foge da arte como o diabo da cruz".[20]

Como se viu, foi acalorada a polêmica em torno do fechamento do curso de Artes Gráficas da FGV. Os motivos reais do fechamento ainda não estão completamente claros. Não é de se descartar ainda alguma antipatia política, para o que temos indícios mas não provas. Luís Simões Lopes não nutria particular simpatia por comunistas, como se entrevê em longo depoimento que concedeu, em 1990, e entre os professores do Curso de Artes Gráficas havia comunistas e simpatizantes do comunismo. O Partido Comunista seria caçado em abril daquele ano, o que não impediria que Clubes de Gravura passassem a se espalhar pelo país nos anos seguintes, com a intenção de difundir ideias socialistas, pelo menos um deles, o do Rio Grande do Sul, com participante egressos do curso da

17 BENTO, Antonio. Estalo impossível. Diário Carioca, Rio de Janeiro, Sábado, 01.03.1947, p. 6.
18 BENTO, Antonio. Estalo impossível. Diário Carioca, Rio de Janeiro, Sábado, 01.03.1947, p. 6.
19 BENTO, Antonio. Estalo impossível. Diário Carioca, Rio de Janeiro, Sábado, 01.03.1947, p. 6.
20 BENTO, Antonio. Alunos da F.G.V. na A.B.I. Diário Carioca, Rio de Janeiro, Terça-feira, 11.03.1947, p. 6.

FGV. Os textos de Antonio Bento permitem uma posição privilegiada de observação dessa polêmica e de suas nuances, e uma reconstituição completa da cobertura jornalística do fim do curso de Artes Gráficas da FGV, como já foi dito aqui, ainda está por ser feita.

Referências:

BECARI, Vera Horta. Fayga Ostrower. *O Estado de São Paulo*, Ano 1, n. 19, São Paulo, 19.10.1980, p. 8.

BENTO, Antonio. Alunos da F.G.V. na A.B.I. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, Terça-feira, 11.03.1947, p. 6.

BENTO, Antonio. Desaparecerá o curso da F.G.V.? *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, Sexta-feira, 14.02.1947, p. 6.

BENTO, Antonio. Estalo impossível. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, Sábado, 01.03.1947, p. 6.

BENTO, Antonio. O curso da "Fundação Getúlio Vargas". *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, Quinta-feira, 13.02.1947, p. 6.

BENTO, Antonio. Uma geração de gravadores. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, Domingo, 16.02.1947, p. 4.

Deve intervir na Fundação Getúlio Vargas o Ministro da Educação? *Diário Carioca*, Ano XX, n. 5727, Rio de Janeiro, Sexta-feira, 28.02.1947, p. 1.

Fala o pintor Santa Rosa sobre o curso de Artes Gráficas. *A Manhã*, Rio de Janeiro, Domingo, 24.03.1946, p. 3.

FONTANA, Carla Fernanda O Curso de Desenho de Propaganda e de Artes Gráficas da FGV e o Ensino da Gravura como Arte Aplicada – Rio de Janeiro, 1946.

Anais do 13º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, Univille, Joinville (SC). Disponível em: https://www.academia.edu/38530459/O_Curso_de_Desenho_de_Propaganda_e_de_Artes_Gr%C3%A1ficas_da_FGV_e_o_Ensino_da_Gravura_como_Arte_Aplicada_Rio_de_Janeiro_1946?auto=download

LOPES, Luís Simões. Luís Simões Lopes II (depoimento, 1990). Rio de Janeiro, CPDOC, 2003. Disponível emhttp://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista261.pdf Acesso em: 10 out. 2019.

TAVORA, Maria Luisa Luz. EXPERIÊNCIA MODERNA: GRAVURA NO CURSO DE DESENHO DE PROPAGANDA E DE ARTES GRÁFICAS – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS 1946 Anais do 21. Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas [Recurso eletrônico] / Sheila Cabo Geraldo, Luiz Cláudio da Costa (organizadores). – Rio de Janeiro: ANPAP, 2012.p. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio9/maria_luisa_tavora.pdf Acesso em: 11 nov. 2019.